



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JAIRO JOÃO PEREIRA BRANDÃO**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias  
**Número da entrevista:** E-42  
**Entrevistado:** Jairo João Pereira Brandão  
**Nascimento:** Não informado  
**Local da entrevista:** Porto Alegre/RS  
**Entrevistadores:** Bárbara Guaragni Calza  
**Data da entrevista:** 12/05/2005  
**Transcrição:** Bárbara Guaragni Calza  
**Conferência Fidelidade:** Bárbara Guaragni Calza  
**Copidesque:** Marco de Carvalho  
**Pesquisa:** Bárbara Guaragni Calza  
**Fitas:** (01 fita) 31/01-A  
**Total de gravação:** 25 minutos  
**Páginas Digitadas:** 11  
**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel  
**Número de registro:** 02096/2009/01  
**Número de registro da fita:** 02096/2009/01  
**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

BRANDÃO, Jairo João Pereira. *Jairo Brandão (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2009.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a ginástica; apoio da família, dos clubes (GNU, SOGIPA); treinamento; grupo de amigos; período como técnico: masculino e feminino; participação na Federação; estruturação da ginástica na época: apresentações no interior do Estado, reconhecimento do público; fatos pitorescos.

Porto Alegre, 12 de maio de 2005. Entrevista com Jairo Brandão, a cargo da entrevistadora Bárbara Guaragni Calza para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.C. - Então ta a primeira pergunta é se tu pode falar um pouco sobre a tua história de vida em relação ao esporte.

J.B. - [silêncio] Ah deixa eu ver...

B.C. - Tipo como é que foi...

J.B. - Eu comecei a fazer ginástica com dezesseis anos no Grêmio Náutico União<sup>1</sup> em 63 a convite de um colega que já fazia ginástica no União. Ele perguntou para mim “vê se tu sabe fazer isso”. Me mostrou uma estrelinha, parada de cabeça. Tudo que ele ia me dizendo eu ia fazendo e, como tinha dezesseis anos, atualmente eu não teria condições, mas, naquela época, ainda dava. Entrei em março, esperei abrir a temporada e todo mundo treinava duas vezes por semana. Era quarta e sábado. O ginásio só estava disponível quarta e sábado e eu treinei feito um louco, eu gostava. Depois de uns dois anos veio um professor argentino, o José Flecha<sup>2</sup>, ai nós já tínhamos um ginásio para nós. Treinava todos os dias, segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado e eu comecei em 63. E, em 67, já foi meu primeiro brasileiro que eu competi, fiquei em terceiro no individual geral e depois foram se sucedendo os brasileiros.

B.C. - E antes da ginástica tu não fez outros esportes?

J.B. - Futebol. Até hoje, futebol e ginástica e ballet [risos].

B.C. - Por que então tu entrou na ginástica, porque esse teu amigo te convidou?

J.B. - Convidou.

---

<sup>1</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

B.C. - Não teve então outras influências?

J.B. - Eu nem conhecia a ginástica na época.

B.C. - Como foi o apoio da família e o apoio do clube?

J.B. – Olha, da família... A minha mãe nem sabia o que era ginástica, nem conhecia nada. Às vezes, ela olhava as coisas na tevê, aparecia alguém fazendo um rolamento, ela me chamava “Jairo, vê se tu sabe fazer isso”, eu digo [risos] “Mãe, eu sou campeão brasileiro...” - na época eu já era campeão brasileiro – “eu sou campeão brasileiro de ginástica”. E saía, ela nunca foi, era mais caseira, ela era dona de casa e meu pai morreu cedo. Então... Porque eu e ela...

B.C. - E o apoio do clube como é que era, tinha alguma?

J.B. - Eu gostava do União, porque eu podia chegar na hora que eu quisesse e sair na hora que eu quisesse. Normalmente eu chegava bem cedo, não tinha ninguém no ginásio e saía bem tarde quando já não tinha mais ninguém no ginásio. Então eu treinava a vontade, era bom.

B.C. – Sim, mas tu já tinha dezesseis anos. Tu trabalhava, estudava?

J.B. – Não, eu só estudava. Eu estava no ginásio entrando para o científico<sup>3</sup>, era uma coisa assim, antes tinha o científico.

B.C. - Mas apoio financeiro, o clube não...

J.B. – Não, não, nossa... [risos].

B.C. - Se tu podia falar um pouco sobre as especificidades da ginástica, como era o treinamento, o grupo de amigos?

---

<sup>2</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>3</sup> Atual ensino médio

J.B. - Nosso treinamento eram três aparelhos em um dia e três no outro, acho que não tinha muita programação, a gente ia aprendendo, testando os elementos. Quem fazia mais, melhor. Para ver quem se adaptava melhor, para gente montar as provas, mas tinham aqueles elementos básicos que tu tinha que aprender tudo. A partir daí, a gente evoluía.

B.C. - Mas tinha técnico?

J.B. - Sim, sim. No primeiro ano, o nosso... Em 63, 64 e 65. Não, os dois primeiros anos eram um professor que trabalhava no circo, mas era muito legal, ele era motivador, ele não tinha muita técnica, não dizia como eram os elementos, só "vamos fazer isso". O isso era, ele fazia e todo assim [entrevistado faz gestos demonstrando um exercício sem técnica, com o corpo flexionado] e a gente imitava. Depois no terceiro ano ou quarto aí veio o técnico e a gente "ah, ele tem explicação para tudo!". A gente achava, eu achava o máximo [risos]. Tudo que eu tinha aprendido a moda circo, tinha explicação, eu ficava... Como era bacana.

B.C. - E vocês eram muitos exigidos?

J.B. - Quanto ao horário de treinamento?

B.C. – É, não só ao horário, mais quanto a execução e...

J.B. - Eu acho que sim, nem me lembro mais, mas a gente procurava se corrigir e em seguida já tinha competição e a gente sabia, já estava lendo os códigos, o início dos códigos de pontuação. Dizia que perdia pontos perna flexionada. Então a gente se esticava, até amarrava os pés, as pernas para não abrir [risos], amarrava mesmo [risos].

B.C. – Sim, e os grupos de amigos, tinham grupos de amigos que vocês faziam outras coisas além de treinar ou...

J.B. - A gente tinha a turma que jogava futebol. Nos finais de semana a gente ia para ilha do União, para Ilha do Pavão<sup>4</sup>. Isso no início, depois, quando eu passei para SOGIPA<sup>5</sup> em 1968, a turma era... A gente ia também fim de semana na SOGIPA, tinha uma área externa com barras, paralelas. Então nosso fim de semana era fazer... A diversão era fazer ginástica também. Jogava futebol e ginástica. Depois do treino sempre tinha uma ‘peladinha’ de futebol, uma caixa.

B.C. - Dentro do ginásio?

J.B. – É, a gente botava umas caixas pequeninhas. Então o gol era uma caixa, porque ninguém queria ficar no gol.

B.C. - E essa tua troca de clube, tu foi bem aceito na SOGIPA porque...

J.B. – Sim, porque a gente treinava junto, sempre íamos na SOGIPA treinar, porque os atletas da SOGIPA na época, eram muito melhores e eu ia lá sempre treinar. Eu lembro que nós ficamos sem técnico, foi na época em que o José Flecha saiu, e nós ficamos treinando lá e eu passei para lá. Em seguida ia ter o campeonato brasileiro em 1969 e eu digo: “Bah, eu tenho que treinar com os melhores”.

B.C. - Esse brasileiro tu competiu pela SOGIPA?

J.B. - Esse brasileiro eu competi pela SOGIPA, em 69.

B.C. - E como é que eram os uniformes, tem alguma...

J.B. – Uniforme, calça branca, calça de elanca branca, meia branca. Antes era só branco, uniforme branco, camiseta física, gola branco, era tudo branquinho. Agora pode ser tudo colorido.

---

<sup>4</sup> Sede do clube Grêmio Náutico União, localizado no Lago Guaíba

<sup>5</sup>Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

B.C. - Então tu fez parte da SOGIPA e do União. Algum outro clube?

J.B. - Não.

B.C. - Tu treinou só nos dois?

J.B. - Só nos dois, não tinha outro. Ah não, na época tinha o Navegantes São João<sup>6</sup>, mas era mais equipe infantil.

B.C. - Tu vez parte de alguma associação, não sei, alguma ligação tua com a federação?

J.B. - Depois de muito tempo, depois de ser atleta, eu passei a ser técnico e depois...

B.C. - De qual clube?

J.B. - Eu comecei sendo técnico da SOGIPA.

B.C. - Do masculino, do feminino?

J.B. - Sim, não. Eu comecei no masculino. Só passei, só comecei a dar aula para o feminino quando eu fui para o CETE<sup>7</sup>, pois a Eneida<sup>8</sup> precisava de um preparador. Eu já estava cansado dos guris. Aí eu dava aula para as duas ao mesmo tempo quase. Qual era a tua pergunta mesmo?

B.C. - Era se tu [risos] fez parte da federação?

J.B. - Ah sim, depois, deixa eu ver quando é que eu fiz parte, eu fiz parte quando eu era diretor técnico. Teve uma época que eu fui, até por dois meses, fui vice presidente e desisti, não gostei desse cargo.

---

<sup>6</sup> Sociedade Ginástica Navegantes-São João, fundada em 06 de junho de 1927

<sup>7</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação

B.C. - Além de atleta, tu assumiste algum outro cargo, organizador, dirigente, patrocinador...

J.B. - Não, diretor técnico.

B.C. - E o esporte influenciou a tua carreira profissional?

J.B. – Sim, porque tu vê, quando eu comecei na ginástica, eu fui campeão brasileiro, estava estudando geologia. Eu estava no segundo ano de geologia e, no finalzinho do ano, eu já ia para o terceiro ano. O terceiro ano de geologia era muito puxado, era dedicação quase total e comecei a pensar: “bah, mas eu vou ter que largar a ginástica”. Começou aquilo a entrar na minha cabeça, no final do ano, eu larguei a geologia e fui tirar educação física [risos]. Então influenciou cem por cento.

B.C. - Tu estudou educação física em qual...

J.B. - Na ESEF<sup>9</sup> na UFRGS<sup>10</sup>.

B.C. - Até qual idade tu treinou a nível de competição?

J.B. - Até os 29.

B.C. - E depois tu continuou de lazer ou...

J.B. – Não, depois eu sempre treinava, eu dava aula e treinava. Eu treinei por um monte de tempo e digo: “Ah, qualquer dia vou voltar a competir”, mas meus alunos começaram a melhorar, ficaram bons e eu não conseguia deixar de treinar eles porque eles estavam bons para eu treinar e aí foi...

B.C. - Não tinha, mais difícil...

---

<sup>9</sup> Escola de Educação Física

<sup>10</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

J.B. - É.

B.C. - Como que tu sentia e via o esporte naquela época?

J.B. - O esporte antes era um passatempo, uma recreação, era um hobby. Não é como agora que é quase uma profissão. Nunca considerei... O esporte era a recreação. Às vezes eu dava aula de ginástica e aquilo eu gostava, tanto que os caras: “Tu trabalha?”, aí eu ficava pensando se eu trabalhava e “Ah, eu não trabalho. Eu dou aula de ginástica” [risos]. “Eu faço o que eu gosto, eu não trabalho”.

B.C. - Que legal. E tu via alguma relação com a cultura alemã na ginástica?

J.B. - Não.

B.C. - E a questão da disciplina, porque...

J.B. - Não, a ginástica... A gente é obrigado a se disciplinar, a se concentrar, a ajudar a equipe. Então a ginástica é disciplina mesmo.

B.C. - Tu concorda então que a ginástica é disciplina?

J.B. - Sim.

B.C. - E hoje em dia qual é a tua relação com o esporte, com a ginástica?

J.B. - Hoje em dia, nenhuma. Acho que não tenho mais relação com a ginástica, porque... [silêncio] Bah, passou...

B.C. - Mas não faz tanto tempo assim que tu te...

J.B. - Faz sim. Desde que nós abrimos a escola de ballet. Faz vinte anos que nós abrimos a escola, aí precisava de alguém para cuidar aqui. Não dava para pagar um funcionário para ficar aqui enquanto eu ganhava uns pila lá, porque a ginástica pagava pouquinho. Eu digo

“Bah, mas se eu for contratar alguém para ficar lá, o cara vai ganhar mais do que eu dando aula de ginástica” [risos]. Porque tem vínculo empregatício, tem tudo, de ganhar... Aí eu fui saindo, saindo, saindo e me saí.

B.C. - Saiu completamente.

J.B. - É.

B.C. - E qual a tua visão sobre a estruturação da ginástica em Porto Alegre<sup>11</sup>?

J.B. - É que eu estou muito por fora, eu não sei disso.

B.C. - O Saul<sup>12</sup>, por exemplo, contou que, quando ele fazia, não tinha... Se eles queriam se apresentar, eles pegavam todos os aparelhos, botavam tudo num trem e iam e montavam num lugar, se apresentavam que ainda não tinha... A ginástica estava começando. Eu não sei se tu... Se quando tu começou já estava mais estruturado.

J.B. - Não, quando eu comecei, cada clube já tinha seu jogo de aparelhos.

B.C. - Mas interior, quando vocês iam se apresentar, já?

J.B. - Quando ia pela federação de ginástica. Nós chegamos a ir pela federação e acho que a federação levava alguma coisa. Teve uma vez que nós fizemos por conta própria, eu o Portugal, Clotário Portugal<sup>13</sup>, e um aluno meu, o Alfredo<sup>14</sup>. Nós fomos para Uruguaiana<sup>15</sup> fazer apresentação por conta própria. Mandamos uma barra, umas coisas de trem e fomos de carro para lá. Chegamos lá e o Portugal que, morava lá, foi falar com os presidentes dos clubes, se não queriam uma apresentação. Eles davam um cachê para nós e nós nos apresentávamos. A barra era fincada no chão na grama. E a gente fazia na grama mesmo, sem colchão, sem nada. Era muito era divertido.

---

<sup>11</sup> Capital do Estado Rio Grande do Sul

<sup>12</sup> Nelson Rubens Saul

<sup>13</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>15</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

B.C. - E solo que é bom...

J.B. – Não, não. Era barra e argola [risos]. A gente amarrava a argola nas árvores.

B.C. - Possíveis dificuldades que tu encontrou para a prática do esporte?

J.B. - Antes não pareciam haver dificuldades. Tinha o ginásio, tinham os aparelhos. Não tinham dificuldades para mim, não tinham.

B.C. - E como era a aceitação por parte das pessoas com quem tu convivia, que tu fazia ginástica olímpica, preconceitos ou incentivos?

J.B. - Não tinha. Todo mundo gostava, cumprimentam e tudo, mas eu nunca parei para pensar nisso, se gostavam muito mesmo, eu gostava. Então...

B.C. - É o que importa.

J.B. - É.

B.C. - Mas já se tinha um conhecimento do que era a ginástica olímpica quando tu contava: “Ah, eu faço ginástica” ?

J.B. – Não, não. Tinha que explicar para eles: “Ginástica de solo, de aparelhos, barra”. “Ah, ta”, porque senão parecia que era ginástica calistênica. Tinha que explicar sempre. Não era ginástica olímpica, antes o nome começou com ginástica de solo e aparelhos. Depois ginástica olímpica, agora é ginástica artística.

B.C. – É, mas a federação aqui no Brasil ainda não. A federação aqui ainda é ginástica olímpica, ainda não aceitaram.

J.B. – É, mas...

B.C. - Não aceitaram, ainda ta uns...

J.B. – É, porque as outras ginásticas também são olímpicas, fazem parte das olimpíadas. Então...

B.C. - Não sei se tu tem alguma história para contar, alguma situação engraçada, legal que tu vivenciou na ginástica?

J.B. - Tem muitas, mas...

B.C. - Se tu quiser contar uma então... [risos]

J.B. - Eu não sei [entrevistado pede para desligar o gravador].

B.C. - Vou desligar então um pouquinho...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.B. - As melhores histórias que eu lembro era quando a gente viajava de ônibus, sempre, São Paulo<sup>16</sup>, campeonato brasileiro, competições. Me lembro da festa que se fazia no ônibus, das piadas, anedotas. Então eu lembro do Dante Gnoatto, pai do Gerson<sup>17</sup>, contando as anedotas. Ele era um artista, vivia a história, as anedotas, era o máximo. Querer contar alguma coisa depois dele não dava [risos]. A gente ficava só escutando ele contar, era muito bacana. A gente cantava, era toda aquela... Ele passava até a meia noite fazendo esculhambação.

B.C. - No outro dia era todo mundo com sono.

J.B. - Mas a gente sempre chegava antes para poder dormir. Há uma história bacana que, no primeiro campeonato brasileiro que nós saímos em 67, chegamos no Rio e a equipe toda - a equipe era meio imatura, imagina eu, era minha primeira competição - foi para o ginásio assistir a equipe carioca treinar. Fiquei observando os caras e cuidando e os outros diziam assim “Bah, e os cariocas estão bons. Nós vamos perder”. Eu olhava e dizia “eu não

---

<sup>16</sup> Capital do Estado de São Paulo

<sup>17</sup> Gerson Gnoatto

estou achando. Tu viu que eles estão fazendo? Cada um faz uma coisa só. Eu acho que eles estão fazendo só o que eles faziam de melhor, eles não são bons não”. Chegou na competição, nós ganhamos deles longe. Eles queriam impressionar nós, cada um entrava e fazia o que eles tinham de melhor. Todo mundo já estava apavorado e eu digo “Não, olha lá. Ele só vai fazer aquilo lá. Pronto, acabou”. Desmistificamos eles e ganhamos longe, era bom.

B.C. - Tu tranquilizou o grupo então. Estava... Todo mundo ficou apavorado.

J.B. – É, eu não sei se todos, mas tinha gente falando “Ah, como eles estão bons”. Isso poderia dar um medo, um abatimento “Bah, eles estão muito bons, nós não vamos ganhar”. Eu sempre queria pegar o contrário para motivar, para me motivar também e puxar os outros.

B.C. - Tentar ver o lado positivo. E acho que era só isso que eu tinha para te perguntar.

J.B. – Ta, mas, a melhor parte, foi quando eu comecei a dar aula para as gurias e tinha uma guriuzinha magrinha, bonitinha que eu convidei para fazer ballet e ela não foi. Hoje está aqui conversando comigo... [risos] [entrevistado se referiu a entrevistadora uma vez que ela foi sua aluna no CETE].

[FINAL DO DEPOIMENTO]